

Permanecendo Fiel à Fé

Atos dos Apóstolos: Definindo e Defendendo o Evangelho

David Gooding

A Verdade
Porto Alegre
2015

Permanecendo Fiel à Fé

Originalmente publicado em 1990, original em inglês:
True to the Faith

Copyright © The Myrtlefield Trust, 1990
Todos os direitos reservados.

Tradução em português: Copyright © The Myrtlefield Trust, 2015.
Todos os direitos reservados.

Para outras publicações do Professor Gooding, visite o site:
www.keybibleconcepts.org

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida Revista e Corrigida, 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil.

Traduzido por Sabrina Lopes Furtado e Maria Oliveira

Publicado em português com a devida autorização por:
A Verdade
www.editoraverdade.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G647p Gooding, David
Permanecendo fiel à fé / David Gooding. -- Porto Alegre :
Verdade, 2015.
544 p. : 15 cm x 23 cm

ISBN 978-85-64006-34-8

1.Fé. 2. Fidelidade. 3. Oração. 4. Confiança -- Deus. I. Oliveira,
Maria. II. Furtado, Sabrina Lopes. III. Gooding, David. IV. Título.

CDU 27-23

Bibliotecária responsável: Raquel Moura Pohlmann CRB/10-2301

Sumário

Prefácio do autor	7
Introdução	9
Seção Um: O Cristianismo & a Restauração de Todas as Coisas	
Observações Preliminares	27
Movimento 1: O Programa de Cristo para a Restauração de Todas as Coisas (1:1-4:4)	37
Movimento 2: Oposição ao Programa (4:5-6:7)	99
Seção Dois: A Adoração e o Testemunho do Cristianismo	
Observações Preliminares	129
Movimento 1: O Evangelho e a Adoração Ortodoxa do Judaísmo (6:8-8:3)	137
Movimento 2: O Evangelho e a Adoração Não Ortodoxa de Samaria (8:4-25)	161
Movimento 3: O Evangelho do Servo Sofredor (8:26-40)	173
Movimento 4: O Evangelho do Filho de Deus (9:1-31)	179
Seção Três: A Teoria e a Prática da Santidade Cristã	
Observações Preliminares	193
Movimento 1: O Evangelho Liberado do Isolamento Social Judaico (9:32-11:18)	199
Movimento 2: O Evangelho Liberto do Centralismo Administrativo e do Sacralismo Político Judaicos (11:19-12:24)	221

Seção Quatro: A Doutrina Cristã da Salvação

Observações Preliminares	241
Movimento 1: A Pregação das Boas-Novas da Salvação (12:25-14:28)	247
Movimento 2: A Discussão dos Termos de Salvação (15:1-16:5)	267

Seção Cinco: O Cristianismo e o Mundo Pagão

Observações Preliminares	289
Movimento 1: O Espírito Santo & os Poderes das Trevas (16:6-40)	303
Movimento 2: O Messias de Deus e a Política, a Religião e a Filosofia dos Gentios (17:1-34)	333
Movimento 3: O Messias de Deus e o Novo Povo de Deus (18:1-28)	373
Movimento 4: O Espírito Santo e o Nome do Senhor Jesus (19:1-20)	387

Seção Seis: O Cristianismo e a Defesa do Evangelho

Observações Preliminares	399
Movimento 1: A Defesa da Adoração da Natureza e a Defesa da Igreja de Deus (19:21-21:16)	419
Movimento 2: O Evangelho a ser Julgado por seu Respeito pela Consciência (21:17-23:11)	439
Movimento 3: O Evangelho a ser Julgado por sua Atitude para com a Moralidade e a Lei (23:12-24:27)	463
Movimento 4: O Evangelho a Ser Julgado por sua Mensagem para César e para o Mundo (25:1-26:32)	475
Movimento 5: As Tempestades da Natureza e o Domínio Régio de Deus (27:1-28:31)	493

Apêndices

Apêndice 1	509
Apêndice 2	513
Notas	525

Prefácio do Autor

UM EXPOSITOR DE Atos dos Apóstolos, por mais aprofundado que esteja na cadeia da comunicação, não pode escapar da força vibrante da ordem do Comando Supremo, dada originalmente aos doze apóstolos: "Ide... apresentai-vos... dizei todas as palavras desta vida" (Atos 5:20). O Senhor ressurreto, que os comissionou, ainda vive. Seus objetivos são os mesmos; Seu vigor, não diminuído. O Espírito Santo, que, na era apostólica, conduziu os apóstolos em sua definição dos princípios básicos do evangelho cristão, ainda espera de todos os seguidores do Senhor vivente a mesma lealdade àqueles mesmos princípios básicos. O tempo não desgastou as palavras dessa Vida imperecível, nem obscureceu a esperança que elas proclamam, nem reduziu sua relevância para nosso mundo moderno, o qual, apesar de suas sofisticções, assemelha-se mais e mais em perspectiva e comportamento ao mundo do primeiro século, no qual o Cristianismo nasceu. Sob o fluxo sempre crescente das modernas descobertas científicas e tecnológicas, a capacidade que as pessoas têm de reter um conhecimento do passado, compreensivelmente, cresce menos e menos. Desse modo, suas perspectivas correm perigo de tornarem-se historicamente limitadas, e sua compreensão do Cristianismo histórico e essencial é tão incerta que elas poderiam, todas involuntariamente, vir a considerar como evangelho cristão formas de Cristianismo das quais o próprio âmago fora cortado. É expectativa do autor que este recente estudo de Atos ajude muitos leitores a capturar – ou, se necessário, recapturar – a glória, a abundância, a esperança e a maravilha do evangelho que o Senhor ressurreto ainda proclama ao mundo pela obra inspirada de Lucas.

Este livro não foi escrito para especialistas no conhecimento do Novo Testamento, mas para o público geral, inteligente e atento. Ele se baseia na convicção de que Atos é uma historiografia confiável, embora, pelas razões dadas no Apêndice 2, não se considerou necessário discutir constantemente a questão da historicidade. Três

obras foram meu recurso constante: *Acts* - Atos, do Professor I. Howard Marshall (Leicester: IVP, 1980); *The Book of the Acts* - O Livro dos Atos, edição revisada, do Professor F. F. Bruce (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1988); e o último volume imensamente douto de Colin J. Hemer, *The Book of Acts in the Setting of Hellenistic History* - O Livro de Atos no Cenário da História Helênica (Tübingen: J. C. B. Mohr, 1989). Digna de menção especial é a tradução aprazivelmente nova, precisa e vigorosa que o próprio Professor Bruce fez para a edição revisada de sua exposição.

Muitos comentários excelentes sobre Atos se concentraram no registro de Lucas sobre a difusão do evangelho cristão e forneceram a seus leitores informações geográficas, arqueológicas e históricas úteis para elucidar e ilustrar o registro de Lucas. Eles ainda são recomendáveis como fontes daquele tipo de informação. A presente exposição concentra-se mais propriamente em acompanhar os métodos de Lucas para seleção e compilação de seu material, e, a partir disso, conclui que, embora Lucas estivesse interessado em descrever a propagação do evangelho, ele estava ainda mais interessado em definir para nós o que esse evangelho era para se espalhar tão rapidamente pelo mundo, e o que ele ainda deve ser hoje.

Há um elemento penoso em Atos: os registros dos primeiros conflitos entre o Judaísmo e o Cristianismo. Não se pode ler tais fatos hoje sem se pensar na apavorante maldade do holocausto; e, por essa razão, tomei a liberdade de dedicar o Apêndice 1 à declaração de minha atitude pessoal a esses acontecimentos lamentáveis.

Muitas pessoas merecem meu agradecimento, e, especialmente uma vez mais, Sr. Stewart Hamilton, Dr. John Lennox, Dr. Roderic Matthews, Sr. Michael Middleton e Dr. Arthur Williamson, todos que contribuíram de diversas formas para a produção deste volume. A Sra. Barbara Hamilton, que trabalhou extensa e duramente, frequentemente sob considerável pressão, para produzir um manuscrito tecnicamente preciso e esteticamente lindo. O Sr. David Mackinder, que editou o livro e contribuiu muito para a organização racional dos títulos e subtítulos e para a elucidação de suas expressões que, de outra forma, seriam obscuras. A cada um e a todos eu ofereço minha sincera gratidão.

David Gooding
Belfast

Introdução

Por que Estudar Atos?

SUPONHO QUE a primeira e óbvia razão para o estudo de Atos poderia ser a reunião de alguns fatos diretos e honestos sobre os primórdios do Cristianismo e sobre o mundo antigo no qual nasceu. E essa se tornou uma razão muito importante hoje.

É inegável que a mente moderna acha certas características do Cristianismo sem atrativos. Naturalmente, não se trata de seus ensinamentos sobre o amor e a paternidade de Deus, nem de sua insistência na preocupação social, no cuidado com crianças pequenas e com idosos, no amor ao próximo e aos nossos inimigos como a nós mesmos, mesmo se as pessoas murmurarem baixinho que esse último é um conselho de perfeição e impossível na prática.

Não, os ensinamentos realmente ofensivos à mente moderna são, em primeiro lugar, o sobrenaturalismo do Cristianismo: sua declaração de que Jesus Cristo é Deus encarnado, que ele ressuscitou fisicamente do túmulo e ascendeu aos céus e que ele literalmente vem novamente. E, em segundo lugar, seu exclusivismo dogmático: sua insistência de que a salvação não pode ser encontrada em ninguém além de Cristo, de que não há outro nome debaixo dos céus, dado entre os homens, pelo qual devemos ser salvos (Atos 4:12). Então, em muitos países ocidentais modernos, o Cristianismo tradicional, que insiste nessas características, decididamente foi desaprovado, e a quantidade de membros das igrejas cristãs caiu em um declínio íngreme.

Nenhum cristão pode ver esse estado de acontecimentos sem preocupação; mas uma das características mais inquietadoras da situação é uma receita para a restauração frequentemente advocada hoje, não por aqueles fora da Cristandade, mas por aqueles dentro dela. De modo crescente, ouvem-se teólogos e líderes de igreja de todos os tipos encorajarem o resto de nós com a ideia de que o evangelho cristão pode, mais uma vez, ser tornado efetivo no mundo

moderno se os cristãos estiverem preparados para atualizar seu evangelho e interpretá-lo em termos que não irão levantar dificuldades insuperáveis na mente moderna.

E isso pode ser feito, e feito seguramente, eles nos garantem. Os assuntos que a mente moderna acha inaceitável no evangelho cristão não são, afinal, eles argumentam, uma parte essencial do evangelho. Eles pertenciam apenas ao estágio de casulo do Cristianismo. Eles eram parte do pensamento pré-científico primitivo do mundo antigo e formavam a natural, e talvez necessária, casca externa que protegia e nutria os primeiros humildes movimentos da verdadeira vida e pensamento cristãos. Mas nunca foram parte essencial daquela vida. Eles agora poderiam ser descartados sem causar qualquer dano à vida em si. E devem ser descartados, pois, para a mente moderna, trazem todas as marcas do estágio infantil do desenvolvimento religioso ocorrendo em um ambiente pré-científico. Além do mais, naqueles dias, o conhecimento das pessoas sobre o grande mundo ao seu redor era muito limitado, e elas sentiam que sua própria religião era a única religião válida, muito como uma criança sente – e, para o bem de seu senso de segurança, deve-se permitir que sinta – que seu papai é o único papai no qual confiar no mundo.

Porém, se o Cristianismo quiser ter qualquer esperança de recomendar-se à mente humana, eles argumentam, precisa agora romper o envólucro supernaturalista não essencial de seu estágio de casulo e erguer-se como uma borboleta, atrativamente adaptada à atmosfera científica secular do mundo moderno.

Além disso, eles argumentam, terá de chegar a um acordo com o fato de que não é mais a única borboleta no jardim. A expansão moderna em nosso conhecimento do mundo abriu os olhos das pessoas para verem que há outras religiões igualmente atrativas, extraindo seu néctar de outras fontes. O que precisamos, portanto, eles instam, é parar de tentar converter pessoas de outras fés e, em vez disso, por meio do diálogo, beneficiar-nos delas e combinar os pensamentos válidos de todas as religiões, incluindo o Cristianismo. Um aspecto, eles nos alertam, que a mente moderna não pode e não irá tolerar mais são as declarações monopolizadoras do Cristianismo antiquado e fundamentalista. Ele foi bem-sucedido no mundo antigo; ele não pode sobreviver no nosso.

Porém, antes de engolirmos esse argumento aparentemente plausível, sejamos sábios em reler a história de Lucas sobre o

surgimento do Cristianismo, apenas para nos prevenirmos de cair em uma forma espetacular de auto-decepção, trazida pela simples ignorância, ou pelo esquecimento, dos fatos. A narrativa de Lucas, lida inteligente e atentamente, nos mostrará ao menos isto, se nada mais; nosso mundo moderno, com todo seu progresso científico e tecnológico, não é, em seus princípios básicos, de qualquer modo diferente do mundo antigo no qual o Cristianismo nasceu. Imaginar o contrário é uma falácia essencial. De fato, nosso mundo ocidental pós-cristão, longe de ser diferente do mundo do primeiro século, se torna cada dia mais semelhante a esse.

"Nosso mundo científico moderno não pode acreditar na possibilidade de cadáveres humanos se ressuscitando do túmulo", diz alguém, como se nisso o mundo moderno fosse de algum modo diferente do antigo.

Mas o caso é que a maioria das pessoas no mundo antigo não acreditou nessa possibilidade também. Os epicuristas, aos quais Paulo se dirigiu em Atenas (17:18), acreditavam que o mundo era feito de átomos e defendiam uma teoria sobre a evolução. Eles acreditavam na existência de deuses; mas, como os teólogos que, há poucos anos, foram autores do livro *The Myth of God Incarnate*,¹ eles defendiam (por razões diferentes) que os deuses nunca intervieram e nunca interviriam em nosso mundo. Sua teoria científica ensinava que a alma humana, assim como o corpo humano, são compostos de átomos materiais. Na morte, os átomos tanto da alma como do corpo se desfazem. A alma se desintegra de uma vez; o corpo, mais tarde. Nada sobrevive, exceto átomos individuais. Por razões científicas, portanto, eles rejeitavam a possibilidade de ressurreição. Todavia Paulo, naturalmente, pregava-lhes a ressurreição de Cristo (17:31).

A maioria dos gregos comuns acreditava na sobrevivência da alma após a morte. Platão, se não Homero, lhes havia ensinado isso (se é que isso precisava ser ensinado). Mas nenhum deles acreditava na ressurreição do corpo. Seu grande poeta clássico, Ésquilo, havia declarado que não existe tal coisa. Quando, então, Paulo pregou a ressurreição corporal de Cristo aos gregos em Atenas, alguns deles riram às gargalhadas, sem muita cortesia (17:30-32).

Porém, não eram apenas os pagãos que não podiam, não iriam, ou não queriam acreditar na possibilidade da ressurreição física. Lucas nos diz que a primeira oposição em conjunto ao evangelho cristão veio de dentro da religião judaica, veio, de fato, dos clérigos mais altos do

templo de Deus em Jerusalém. Eles não acreditavam na possibilidade da ressurreição física também! Todos eles eram saduceus (4:1-7; 5:17-18; 23:6-8). Eles não acreditavam nem na ressurreição do corpo, nem na existência de anjos, nem mesmo na sobrevivência do espírito humano após a morte. E, além disso, citavam a Bíblia para tentar provar sua causa!

O fenômeno de clérigos em ordenações sagradas, com a Bíblia em suas mãos, falando assim, negando não somente a encarnação, a ressurreição física e a ascensão de Jesus, mas até a possibilidade teórica de tais eventos acontecerem, parece muito moderno; e, para muitos, tem toda a atratividade de estar em dia, na vanguarda de lado a lado com o pensamento moderno. Para dizer a verdade real, isso é tão antigo quanto os primórdios do próprio Cristianismo. A única diferença é a de que, naqueles dias (embora não por muito tempo – veja 1 Coríntios15), tais pessoas estavam fora da igreja cristã, não dentro dela.

Precisamos, urgentemente, portanto, permitir que a história de Lucas sobre o surgimento do Cristianismo nos lembre os fatos contemporâneos. Quando se trata da relutância em acreditar na ressurreição corporal do Senhor Jesus nos campos religioso, filosófico, científico ou meramente cultural, o mundo antigo não era significativamente diferente do moderno.

Se, então, os apóstolos tivessem ouvido conselhos tais como os que recebemos de nossos pensadores avançados hoje e tivessem desistido de sua insistência na crença da ressurreição física de Cristo, então, as igrejas cristãs certamente nunca teriam caído em declínio: nunca teria havido qualquer igreja cristã (veja 1 Coríntios15:12-20).

Consideremos a afirmação do Cristianismo de que a salvação é encontrada somente em Cristo e em nenhuma outra religião ou filosofia (4:12). Reconhecidamente, isso perturba muitas pessoas modernas; elas sentem que isso é resultado da ignorância, se não da arrogância. Isso era natural, dizem, no mundo antigo onde o Cristianismo era a religião oficial de uma cultura monoteísta, na qual as pessoas sabiam muito pouco do mundo exterior e consideravam tudo lá fora estranho e hostil de qualquer modo. Mas, elas afirmam, não vivemos mais em um mundo como aquele. Estamos bem a caminho de uma cultura mundial. E, de qualquer forma, sabemos mais sobre as religiões mundiais agora do que os antigos sabiam, e, como resultado, não podemos mais afirmar com razão, como eles faziam,

em sua ignorância do grande mundo exterior, que o Cristianismo é a única forma de salvação.

Porém, mais uma vez, o argumento apoia-se numa falácia. Elas estão pensando, talvez, na realidade da Idade das Trevas ou do período medieval. Mas, no primeiro século, um cristão grego ou romano padrão, por meio da experiência pessoal ou do contato diário, sabia infinitamente mais sobre outras religiões do que um cristão padrão (em nosso mundo ocidental moderno) sabe mesmo agora. Deixemos que a vívida descrição de Lucas sobre Atenas, como seus infindáveis altares para intermináveis deuses e deusas, nos lembre de que o mundo no qual o Cristianismo nasceu estava densamente povoado de religiões e filosofias de todos os tipos. Havia a religião clássica dos deuses olímpicos, em suas versões grega e romana, com seus lindos templos e cerimônias oficiais. Havia as religiões misteriosas que propunham levar seus devotos à união com deus e arrebatá-los com maravilhosas experiências de êxtase (1 Coríntios 12:2). Correntes, ao menos em forma popular, eram os mitos sobre a transmigração de almas, o purgatório e a reencarnação, que vieram do hinduísmo para a religião e filosofia gregas por meio dos pitagóricos e de Platão. Havia religiões ascéticas muito estritas (Colossenses 2:20-23) e outras religiões permissivas que sancionaram fornicação e homossexualidade como formas aceitáveis de comportamento (2 Pedro 2; Judas 7-8). Havia religiões do tipo filosófico calmo (Colossenses 2:8) e outras em que o fanatismo poderia facilmente transbordar, transformando-se em perseguição, tumulto e homicídio (Atos 9:1-2; 19:21-40). Havia religiões que acreditavam em Cristo como o Grande Espírito Mundial, mas negavam que Jesus fosse o Cristo (1 João 2:18-22; 4:2-3). Além disso, em muitas cidades do mundo antigo, como Atos em toda a parte nos faz lembrar, havia sinagogas da fé judaica já estabelecidas, frequentemente com diversos adeptos gentílicos. E, no meio desse caos de religiões, o Cristianismo naturalmente não fora, pelos dois primeiros mil anos de sua existência, a religião oficial de uma cultura monolítica, mas uma minoria pequena, esforçada e frequentemente perseguida em um império gigantesco e cosmopolita.

Então, não era porque os cristãos não sabiam muito sobre outras religiões que eles pregavam Jesus Cristo como o único Salvador do mundo, mas, sim, porque todos eles sabiam demais sobre elas. Eles sabiam que nenhuma delas oferecia verdadeira limpeza de consciência, genuína paz com Deus, segurança da salvação e sólida

esperança para o futuro do ser individual e do mundo. Eles pregavam Jesus como o único Salvador, não a partir da estreiteza de visão ou do imperialismo religioso, mas pela pura alegria de dizer que Deus, em Jesus Cristo, fez o suficiente para a salvação de toda a humanidade. Nenhuma outra salvação era válida; nenhum sacrifício comparável foi oferecido em qualquer lugar, de qualquer forma; mas, neste caso, nenhum outro sacrifício ou salvação era necessário. A paz com Deus é um presente, disponível a todos, instantaneamente e gratuito.

"Sim, mas" – diz alguém – "tudo bem os cristãos acreditarem nisso dentro de seus próprios círculos. Mas, hoje, no Ocidente, vivemos em uma sociedade pluralista, na qual não estaria verdadeiramente no espírito cristão sair por aí tentando converter pessoas de outras fés ao Cristianismo. Isso poderia levar a maus relacionamentos comunitários, se não à desordem civil".

O perigo é real demais; e a violência que ainda está sendo perpetrada em muitos lugares em nome da religião enoja toda pessoa correta. É quando vamos analisar a causa disso que precisamos tomar cuidado com os diagnósticos superficiais. Hoje, isso é comumente considerado uma atitude "fundamentalista" na religião. Mas um termo que possa, com igual propriedade, ser aplicado às pequenas igrejas menonitas e amish, as quais creem na Bíblia e cujos membros são todos pacifistas, e, simultaneamente, aos milhões de militantes do Islã, é inútil para propósitos analíticos. No que diz respeito à Cristandade, não foi a adesão fiel às doutrinas básicas da Bíblia que causou a demasiadamente frequente intolerância, discriminação política e derramamento de sangue em nome da religião. Foi a pura desobediência à proibição de Cristo ao uso da espada, ou da violência de qualquer tipo, para promover ou proteger a causa de Cristo, ou para reforçar a igreja ou reduzir os "hereges" e infiéis. Mas a desobediência passada não pode ser reparada por uma deslealdade que abrande ou comprometa as alegações supremas de Cristo, por medo de que essas alegações causem ofensa.

Mas aqui, novamente, Atos vem ao nosso auxílio, pois, ao decidir qual deve ser a verdadeira atitude cristã, dificilmente podemos ignorar a prática dos apóstolos da igreja. É fato que, como Atos frequentemente registra, os magistrados e governadores romanos, por exemplo, muitas vezes foram irritados por seus primeiros encontros com o Cristianismo. Tumultos se rompiam em áreas pelas quais eram responsáveis, e, sob investigação, os cristãos geralmente pareciam

estar por trás deles. Algumas vezes, como em Filipos (16:16-40) e em Éfeso (19:23-41), foram os adeptos de várias religiões gentílicas que os cristãos haviam perturbado muitíssimo. Mais frequentemente, como na Antioquia da Pisídia (13:50), Listra (14:19), Tessalônica (17:5-9), Bereia (17:13), Corinto (18:12-17) e Jerusalém (21:27-26:32), foram os judeus.

Ora, os romanos eram, no todo, razoavelmente tolerantes com outras religiões; mas uma coisa os tornava muito impacientes: era quando as diferenças entre as crenças e práticas religiosas levavam à desordem civil. Lucas mesmo nos conta (18:2) que o Imperador Cláudio, em certo momento, ordenou que todos os judeus partissem de Roma; e, a partir do relato desse evento, dado pelo historiador romano Suetônio (Vida de Cláudio XXV.4), pareceria que o que havia provocado a cólera de Cláudio nessa ocasião era a "discórdia e desordem na comunidade judaica em Roma, resultante da introdução do Cristianismo a uma ou mais sinagogas da cidade".²

Sendo assim, Lucas obviamente tinha alguma explicação a dar quando ele escreveu "sobre as origens do Cristianismo" em favor de certo Teófilo. Exatamente quem Teófilo era, não sabemos. Pelo título "excelentíssimo" que Lucas lhe concede, no prólogo de seu Evangelho (Lucas 1:3), parece que ele era uma pessoa de alguma eminência. Ele pode ter sido "um membro representante do público inteligente da classe média de Roma",³ interessado no Cristianismo, mas ainda não um convertido. Ou ele podia já ser um crente. Em qualquer um dos casos, era importante para Lucas mostrar-lhe que, em nenhuma ocasião, foram os cristãos que começaram os tumultos. Os cristãos não saíam por aí insultando as religiões das outras pessoas ou comportando-se de forma censurável em seus templos (19:23-41; 21:27-29; 24:10-13). Os cristãos, embora eles próprios muito perseguidos, nunca perseguiram ninguém. Paulo havia, de fato, perseguido violentamente alguns de seus colegas judeus, de cujas crenças religiosas ele não gostava, (7:58; 8:3; 9:1-2) antes de se tornar um cristão; mas, depois, ele nunca mais perseguiu ninguém nem mesmo retaliou contra aqueles que constantemente o perseguiram (28:17-22, especialmente a última parte do versículo 19).

Mas, se Teófilo fosse um homem de reflexões, e ele certamente era, havia uma questão mais profunda que Lucas tinha de responder para ele. Admitindo que os cristãos não iniciaram os tumultos no sentido de serem os primeiros a atirarem pedras ou atacarem

fisicamente seus oponentes, ainda assim, por que eles saíam por aí afirmando constantemente, em seus sermões e exposições públicas, assuntos que eles sabiam que ofenderiam tanto os judeus quanto os gentios? Por que Pedro e Paulo constantemente insistiam em sua declaração de que Jesus havia ressuscitado dentre os mortos e era o Messias, mesmo quando eles pregavam em sinagogas judaicas, onde eles sabiam que isso era uma questão tão divisora? Por que eles não poderiam concentrar-se em seu ensinamento moral e em sua maravilhosa compreensão da paternidade de Deus, em que todos, cristãos e judeus, da mesma forma, poderiam concordar?

Por que Estêvão precisava insistir em dizer que o templo em Jerusalém nunca fora mais do que um meio parcial e temporário de comunhão com Deus e que Jesus Cristo estava no processo de torná-lo obsoleto, quando ele deveria ter percebido quanto isso era chocantemente ofensivo às sensibilidades religiosas de seus colegas judeus e às suas crenças mais profundamente estimadas (6:8-8:3)? E por que os apóstolos deveriam macular seu rito perene e profundamente respeitado da circuncisão por não contribuir em absolutamente nada para a salvação de qualquer um, seja gentio ou judeu (capítulo 15)?

Uma das principais médiuns-espíritas em Filipos (16:16-39), cujos serviços significavam muito para muitas pessoas naquela cidade, recebeu Paulo e seu grupo evangelístico publicamente e sugeriu que ela e eles tinham muito em comum. Por que Paulo se voltou para ela, rejeitou sua cooperação, acusou sua forma particular de religião de má, e, como resultado, criou um grande ressentimento na cidade?

Os principais pensadores da época há muito sugeriram que todas as religiões, quaisquer que fossem os nomes que usassem para o Ser Supremo – quer o chamassem de Zeus, ou Javé, ou Júpiter, ou Baal, ou o Único – tudo significava a mesma coisa. Por que os cristãos não podiam aceitar que todas as religiões eram simplesmente caminhos diferentes, mas igualmente válidos, de alcançar o mesmo Deus? Por que eles precisavam ofender as tradições e a cultura de tantas pessoas, criar tamanho ressentimento e provocar tanta animosidade religiosa e disputa civil por tentarem continuamente converter pessoas de outras religiões para sua própria?

Desde Júlio César, sucessivos governos romanos haviam criado legislações especiais para a proteção da religião judaica, por mais estranha que eles a considerassem. E Lucas é testemunha de que um governador romano regular (caso não seja corrupto como Félix, 24:26-

27) insistiria que os cristãos possuíam todo o direito legal de propagar suas ideias particulares (26:31). Mas um homem como Paulo, que ia a todo lugar estendendo suas próprias visões dogmáticas a ponto de enfurecer seus colegas judeus e se ver maltratado tanto pelos judeus quanto pelos gentios – tal homem parecia para eles completamente louco (26:24).

Por que, então, os apóstolos faziam isso? Os cristãos, pelo menos, mal podem dizer que os apóstolos escolhidos de Cristo, batizados e preenchidos com o Espírito Santo, e usados por Deus para fundar a igreja, na verdade, o faziam de um modo não cristão. Então, qual explicação sobre o comportamento deles Lucas daria a Teófilo para justificá-los e converter Teófilo ao Cristianismo se ele já não fosse um crente, ou, se fosse, para confirmá-lo em sua fé e inspirá-lo a seguir o exemplo deles? A resposta a essas perguntas nada mais é do que todo o livro de Atos. Mas citamos aqui uns poucos exemplos.

A explicação de Pedro ao Sinédrio sobre por que ele precisava continuar pregando no nome do mesmo Jesus a quem eles executaram mostrou que ele não estava motivado por vingança ou intolerância religiosa; a salvação de todos os homens, em toda parte, estava em jogo. Jesus era o Salvador universal de Deus para toda a humanidade (4:12). Pelo bem da salvação do povo, ele precisava continuar proclamando Jesus, não importava a quem isso embaraçasse.

Pedro e Tiago tiveram o cuidado de explicar a seus irmãos crentes por que precisavam enviar cartas para as igrejas cristãs denunciando como falsos os pontos de vista daqueles "fiéis" (15:5) que ensinavam que o rito da circuncisão e a observância da lei eram necessários à salvação. As cartas não foram enviadas para garantir uma vitória tacanha para uma seita da Cristandade sobre a outra no que diz respeito a algum menor ponto teológico. Mais uma vez, nada menos do que a salvação do povo estava em jogo. Ensinar que a salvação é dependente de algum ritual ou da observância da lei era o mesmo que manter as pessoas em uma intolerável escravidão espiritual (15:10-11), disse Pedro, quando elas poderiam, e deveriam, ser coladas em liberdade. Não se deve permitir que nenhuma tradição religiosa, não importa o quão sagrada, mantenha as pessoas em servidão. Fazer isso seria tentar o próprio Deus (15:10).

Os filósofos, acertadamente, tratam seus próprios sistemas epistemológicos, físicos, morais e políticos com a devida desconfiança. O melhor deles é, afinal, apenas um sistema lógico imperfeito, baseado

em axiomas arbitrariamente escolhidos. O motivo pelo qual Paulo defendeu a ressurreição de Cristo diante do Areópago, em Atenas, com tanta certeza dogmática inflexível, é que a ressurreição de Cristo não se trata de uma teoria filosófica, mas de um fato histórico, por meio do qual Deus deu aviso prévio a todos os homens, em todos os lugares, de que Cristo será seu Juiz (17:30-31). Os homens não terão uma escolha de juízes de acordo com qual sistema filosófico adotaram na Terra. Todos os homens terão de comparecer perante Cristo. Isso é absolutamente certo; e, ao chamar todos os homens, em todos os lugares, ao arrependimento e à preparação para o encontro com seu Juiz, Paulo não estava apresentando respeitosamente uma proposta de debate filosófico; ele estava proferindo uma ordem para que o Deus Onipotente fosse obedecido.

Isso, em qualquer proporção, era o dínamo que motivava e habilitava os apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo. Atos gentilmente indagará se nós somos ou não movidos pelo mesmo dínamo.

O Caminho Diferente

Dois fatos residem na superfície de Atos. O primeiro é que o Cristianismo brotou do Judaísmo, no sentido de que todos os primeiros cristãos eram judeus, qualquer que fosse a facção particular do Judaísmo à qual podiam ter pertencido.⁴

O segundo é que o Cristianismo não foi lançado no mundo como um sistema totalmente trabalhado de doutrina e prática, acompanhado de uma ordem de que, a partir de tal hora de tal dia, todos os que cressem no Senhor Jesus, em todos os lugares, deveriam cessar de praticar o Judaísmo e começar a praticar o Cristianismo. Não, o Cristianismo teve de crescer e se desenvolver. Uma semente contém dentro de si o projeto da planta totalmente crescida; mas a planta desenvolve suas características inerentes apenas pelo crescimento em reação com o solo no qual é plantada, sob a influência do sol, vento e chuva. Assim, o Cristianismo brotou do Judaísmo porque reagiu, sob a instrução e a direção do Espírito Santo, aos problemas e desafios que encontrou no seu caminho do testemunho mundial em nome de Cristo.

Isso é o que esperaríamos, de qualquer modo, do anúncio de nosso Senhor a seus apóstolos no Cenáculo (João 16:12-13): "Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. Mas, quando vier aquele Espírito de verdade, ele vos guiará em toda

a verdade". Ele veio no dia de Pentecostes, e sua vinda foi instantânea (2:2). Mas a orientação era um processo; e é parte do propósito de Lucas em Atos registrar para nós os sucessivos estágios nesse processo.

Em primeiro lugar, o Cristianismo tinha de se espalhar geograficamente, como Cristo indicara em sua instrução a seus apóstolos (1:8). Isso naturalmente torna Atos um registro da difusão geográfica do evangelho; e o estudo sério do livro, portanto, sempre esteve rigorosamente interessado nas questões geográficas, justificadamente, pois as informações geográficas abundantes, detalhadas, meticolosas e impressionantemente precisas de Lucas nos mostram que ele não escrevia mitos ou lendas religiosas, mas a história fatural dos eventos que se desenrolaram em lugares tão verdadeiros que poderiam ser identificados em um mapa.⁵

O evangelho também se espalhou numericamente, no número sempre crescente de pessoas que vieram a crer nele, e, qualitativamente, no crescimento espiritual e na estabilidade das igrejas resultantes. O próprio Lucas triunfantemente enfatiza o fato nos resumos formais, com os quais ele conclui cada uma das seis seções principais do seu trabalho:

- 6:7 "E crescia a palavra de Deus, e em Jerusalém se multiplicava muito o número dos discípulos, e grande parte dos sacerdotes obedecia à fé."
- 9:31 "Assim, pois, as igrejas em toda a Judeia, e Galileia, e Samaria tinham paz e eram edificadas; e se multiplicavam, andando no temor do Senhor e na consolação do Espírito Santo."
- 12:24 "E a palavra de Deus crescia e se multiplicava."
- 16:5 "De sorte que as igrejas eram confirmadas na fé, e cada dia cresciam em número."
- 19:20 "Assim, a palavra do Senhor crescia poderosamente e prevalecia."
- 28:30-31 "E Paulo ficou dois anos inteiros... pregando o Reino de Deus e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo, sem impedimento algum."

Mas logo se torna aparente que Lucas não estava interessado unicamente na difusão do evangelho, pois, se estivesse, por que ele não nos diz nada sobre as viagens evangelísticas da maioria dos apóstolos? Nenhum deles espalhou o evangelho também? Repetidas vezes, os resumos finais enfatizam como a Palavra de Deus se ampliou

(6:7; 12:24; 19:20); mas a palavra de Deus não se ampliou por meio da pregação de João, bem como por meio da de Paulo? Então, por que nem uma única palavra de qualquer um dos sermões de João foi colocada ao lado dos inúmeros exemplos dos sermões e discursos de Paulo?

Concluimos que outros interesses, além da propagação do evangelho, controlaram a escolha de material de Lucas. Como decidiremos o que eram?

Um deles, pelo menos, é fácil de detectar, pois, em todas as seis seções principais do seu trabalho, um padrão reconhecível de eventos se repete.

Consideremos a primeira seção (1:1-6:7). Fortalecidos pelo Espírito Santo, recentemente descido do céu, os apóstolos carregavam vigorosamente a ordem de Cristo de que fossem suas testemunhas. Tudo estava indo bem, milhares estavam sendo convertidos, quando ocorreu uma crise; o Sinédrio baniou todas as pregações em nome de Jesus. Ora, o Sinédrio era, para o Judaísmo normativo, a suprema autoridade religiosa (e em certa medida civil); e os apóstolos certamente não eram anarquistas espirituais. Desobedecer ao Sinédrio e desafiá-lo era um grave passo a se tomar: um provido de todos os tipos de consequências previsíveis e imprevisíveis. Mas, obedecer ao Sinédrio era impossível sem negar o próprio coração, vida, alma e centro do Cristianismo. Negar ou manter silêncio sobre a divindade e a messianidade do Senhor vivo teria sido deslealdade traiçoeira a Cristo, em oposição direta ao Espírito Santo de Deus, que tinha vindo para capacitá-los a testemunhar sobre Cristo. Conciliar era impossível. Sem hesitação, os apóstolos desobedeceram ao Sinédrio; e o Cristianismo deu seu primeiro passo para longe do Judaísmo oficial. Era sobre a divindade e o messianismo de Jesus.

Da mesma forma, na segunda seção (6:8-9:31), Estêvão, o primeiro mártir cristão, sob a iluminação do Espírito Santo, começou a perceber que o sacrifício de Cristo no Calvário, sua ressurreição e sua entrada na presença imediata de Deus no céu carregavam implicações que finalmente tornariam obsoletos tanto o templo judeu em Jerusalém como todo o seu sistema de sacerdócio, sacrifícios e rituais. Por promover essa visão e por defendê-la em debates e discussões públicas, ele foi finalmente levado a julgamento por sua vida perante o Sinédrio. Mas, quando viu que o caso ia contra si, ele não fez tentativa alguma de retratar-se ou conciliar-se. Obviamente, para ele,

a compreensão cristã do caminho do homem para chegar-se a Deus, inaugurado por Cristo, era uma parte tão essencial do evangelho que uma conciliação aqui era impossível. Então, Estêvão morreu, e o Cristianismo deu mais um passo importante para longe do Judaísmo oficial.

Da mesma forma, na seção três (9:32-12:24), quando chegou a hora de Pedro levar o evangelho ao gentio Cornélio, a princípio, ele ficou relutante em ir. Pregar o evangelho a Cornélio envolveria comer com ele em sua casa; o que, por sua vez, violaria o código de santidade do Judaísmo, e, em particular, suas leis alimentares, como Pedro as entendia. Deus, portanto, interveio e ensinou a Pedro que as leis alimentares do Antigo Testamento, as quais Deus originalmente impusera, agora estavam canceladas. Pedro estava livre para comer com os gentios. Então, Pedro foi; mas, quando vemos Pedro entrar na casa de Cornélio, estamos observando o Cristianismo dar ainda outro passo para longe do Judaísmo, desta vez, sobre a questão fundamental da teoria e da prática da santidade.

O padrão se repete na seção quatro (12:25-16:5). A circuncisão era considerada no Judaísmo como indispensável para a adesão à nação santa e útil, se não necessária, para a salvação. Todos os primeiros homens cristãos, portanto, já haviam sido circuncidados antes de se tornarem cristãos, e a questão sobre qual a relação da circuncisão com a salvação por Cristo, até aquele momento, não havia vindo à tona em seus pensamentos. Mas, quando gentios aos milhares vieram à fé em Cristo, tal questão inevitavelmente surgiu. No início, alguns cristãos pensavam que a circuncisão ainda era necessária para a salvação, e, portanto, os crentes gentios precisavam ser circuncidados. Mas, em uma reunião dos apóstolos e anciãos, chamados a Jerusalém para considerarem isso, Pedro e Tiago pronunciaram a decisão oficial, impositiva e apostólica: a circuncisão não era necessária e não contribuía com nada para a salvação, não só no caso dos gentios, como também no caso dos judeus. Seria impossível exagerar a importância do passo marcador de época dado naquele momento pelo Cristianismo, para longe do Judaísmo.

Vamos parar aqui por um momento e refletir sobre o que está acontecendo. Quando registra essas crises e as decisões e as soluções que foram alcançadas pelos apóstolos e pelas primeiras igrejas, Lucas não está relatando mais a propagação do evangelho, mas está descrevendo para nós o que era esse evangelho e como

veio a ser definido. Ele concentra nossa atenção sobre os pontos nos quais o Cristianismo divergia do Judaísmo, não porque fosse tacanhamente sectário, mas porque tinha um senso de historiador sobre o que era verdadeiramente significativo. As questões sobre as quais o Cristianismo divergia não eram assuntos periféricos. Elas constituíam o próprio âmago do evangelho. Eram questões de tão essencial importância que as conciliar teria sido deslealdade a Cristo e deixaria o Cristianismo, mesmo supondo que ele sobrevivesse, sem um evangelho.

Se for assim, isso carrega implicações de grande alcance. Estudar esses pontos de divergência e as questões envolvidas neles definirá para nós o que era e é o Cristianismo apostólico, nos mostrará quais são os elementos essenciais do evangelho sobre os quais nós, em nosso século distante, ainda devemos não transigir se pretendemos ser leais ao Senhor Jesus e manter seu evangelho em nossa geração. Sempre foi mais fácil aceitar o dever de manter o evangelho em teoria do que o realizar na prática, e, nesse particular, Atos emite uma luz instrutiva na história subsequente da Cristandade. Ao longo de todos os séculos, a Cristandade tem mostrado uma tendência marcante de decair a formas de Judaísmo e confundir o evangelho com os mesmos assuntos dos quais os apóstolos insistiam que ele deveria ser mantido distinto.

O estudioso vitoriano, Dr. F. J. A. Hort, descreveu esses descuidos como:

"Tais assimilações ao Judaísmo por parte dos cristãos, originadas de um reconhecimento da autoridade do Antigo Testamento desacompanhadas de uma clara percepção da verdadeira relação do Antigo Testamento para com o Novo... Esse processo se iniciou no terceiro século e prosseguiu com grande atividade após o Império se tornar cristão; e ainda estamos rodeados por seus resultados. Esse foi um dos elementos do sistema medieval menos tocados pela Reforma, obviamente porque os principais reformadores tinham, eles mesmos, apenas um senso imperfeito do progresso dentro das Escrituras e dos diferentes tipos de instruções fornecidas a nós em suas várias partes de acordo com a própria dispensação de Deus dos tempos e estações como exposta pelos apóstolos".⁶

Uma leitura de Atos, então, nos convidará a examinar o Cristianismo que professamos e praticamos hoje para ver se ele permanece como

um Cristianismo apostólico maduro, se ainda está sobrecarregado pelos resultados desses descuidos de séculos passados, ou, se mesmo agora, pela primeira vez, se vê tentado a comprometer sua essência tão inflexivelmente defendida pelos apóstolos.

Porém, Atos tem mais para nos ensinar ao longo dessa linha na Seção Cinco (16:6-19:20). Em Filipos (16:16-18), Lucas registra como o caminho da salvação corria o risco de ser confundido com espiritismo, na mente do povo, e como Paulo insistiu na diferença entre os dois e acabou na prisão por causa disso. Então, voltando à questão da possessão demoníaca em 19:13-19, Lucas conta como, em Éfeso, o próprio mundo espiritual deu poderosa evidência da diferença entre Jesus e Paulo por um lado, e um aspirante a exorcista judeu, pelo outro. Em 17:7-9, Lucas conta como certos judeus tentaram fingir, diante dos governantes de Tessalônica, que o evangelho pregado por Paulo era, de fato, uma mensagem política, subversiva ao governo romano. O registro de Lucas sobre as pregações de Paulo naquele lugar naturalmente mostra, muito claramente, a diferença entre o Cristianismo e qualquer forma de política.

Então, novamente, o discurso de Paulo perante o Areópago em Atenas (17:16-34) nos mostra a diferença essencial entre o evangelho cristão e ambas religião pagã e filosofia grega. E, finalmente, Lucas até acha importante relatar um incidente em Éfeso (19:1-7), que demonstrava as diferenças na experiência espiritual entre os discípulos de João Batista e os crentes maduros no Senhor Jesus Cristo.

Não precisamos parar agora para examinar quais eram todas essas diferenças. O ponto é que, ao registrar os incidentes que expõem tais diferenças, Lucas não está mostrando apenas a pregação do evangelho pelos apóstolos: ele, mais uma vez, nos convida a assistir ao Cristianismo definir-se sozinho por meio desses contrastes vigorosos entre si e o espiritismo, a política, a religião e a filosofia pagãos.

O mesmo acontece na última e mais longa seção do livro (19:21-28:31). Essa seção é, em alguns aspectos, muito diferente das cinco primeiras, uma vez que, nela, Paulo não se engaja tanto na pregação do evangelho como na defesa pública dele, muitas vezes, nos tribunais. Ele é constantemente obrigado a assinalar não o que o evangelho é, mas o que ele não é. Mas, para o nosso presente propósito, isso tem o mesmo efeito. O registro de Lucas prossegue para tornar claro que Paulo e o evangelho não são o que as pessoas ignorantemente imaginavam que fossem, ou o que as pessoas maliciosamente deturpavam como sendo;

Lucas, portanto, continua a definir por contraste o que o Cristianismo realmente é.

Paulo, então, não é um ladrão de templos pagãos (19:37), nem um profanador do templo judeu (21:28-29; 24:12), nem alguém tentando fazer dinheiro às custas da religião (20:33-35), nem um ativista político bruto ou um líder de terroristas (21:37-39). Tampouco o evangelho é uma desagradável heresia sectária inventada por um demagogo teologicamente ignorante (22:3-5) ou por um acadêmico mentalmente perturbado (26:24-26) e com base em algum princípio absurdo no qual nenhuma escola teológica importante no Judaísmo e nenhum leigo educado poderiam possivelmente acreditar sem cometer suicídio intelectual (23:6-10; 24:14-25; 26:8). O evangelho cristão baseia-se na própria revelação de Deus por meio de Moisés e dos profetas; ele traz uma alegação credível de ser o cumprimento da redenção delineada e prometida nas Escrituras inspiradas de Israel; seu efeito é espiritualmente libertador e enobrecedor (26:18); ele defende a integridade moral e se opõe à corrupção (24:24-27); produz uma tendência oposta ao restrito Judaísmo nacionalista (26:17) e oferece uma esperança genuína e majestosa para toda a humanidade (24:15; 26:6, 7, 23).

Isso, sem dizer que, no período que se seguiu, a Cristandade frequentemente permitiu que seu evangelho fosse confundido com a política e a filosofia pagãs. Em alguns países, os festivais e os costumes pagãos foram batizados na igreja pela deliberada política missionária. E, em nossos próprios dias, a obsessão pelo ocultismo e o fascínio por várias práticas e formas de hinduísmo são amplamente difundidos, assim como o são as tentações para unir-se a sociedades secretas de negócios - que, em suas cerimônias, adoram as mesmas antigas divindades pagãs, tal como o mundo antigo fazia - ou, no outro extremo, para unir o evangelho cristão ao Marxismo a fim de torná-lo uma potente força política.

À luz de todas essas tendências, Atos carrega para todos nós uma poderosa exortação tácita para que examinemos a nós mesmos honestamente a fim de ver se o Cristianismo que representamos e o evangelho que pregamos são ou não intransigentemente os mesmos estabelecidos pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo.

Permanecendo Fiel à Fé

A história da primeira igreja cristã é registrada por Lucas no livro de Atos dos Apóstolos. Mas como Lucas selecionou seu material? Será que ele é realista? Qual é sua relevância para os nossos dias?

Muitas pessoas argumentam que os evangelhos cristãos contêm relatos de fatos que as mentes modernas consideram inaceitáveis (como os milagres e, em especial, a crença na ressurreição), e que tais fatos não são uma parte essencial do evangelho: eles simplesmente pertencem a uma fase de transformação do Cristianismo. Esse argumento não é novo: os saduceus não acreditavam na sobrevivência do espírito humano depois da morte nem na ressurreição.

No entanto, os primeiros cristãos consideravam essas crenças essenciais para sua fé. Visto que viviam em uma sociedade secular e pluralista permeada pela superstição, era fundamental para eles ter a certeza de que Jesus ressuscitou dentre os mortos e era o verdadeiro Messias. Como verdadeiros cristãos, eles não podiam concentrar-se apenas em seus ensinamentos morais e em sua visão de Deus como o Pai Eterno.

Em um livro vívido e original, David Gooding dá vida ao mundo da primeira igreja cristã e proporciona ao leitor uma visão clara do que realmente significa ser fiel à fé.

David Gooding, Mestre e Doutor, professor emérito do Antigo Testamento Grego na Queen's University, em Belfast, Irlanda do Norte, é membro da Academia Irlandesa Real. O Professor Gooding viaja exaustivamente em um ministério de ensino bíblico.

ISBN 978-85-64006-34-8

